

# WHERE THERE IS POWER, THERE IS FEAR MURALHAS CALCOLÍTICAS, MEDO, PODER E MECANISMOS DE EXIBIÇÃO — O CASO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL)\*

MARIANA DINIZ\*\*

ANDREA MARTINS\*\*\*

CÉSAR NEVES\*\*\*\*

JOSÉ ARNAUD\*\*\*\*\*

**Abstract:** *In the Iberian Peninsula, Chalcolithic stone architectures have been known since the 19<sup>th</sup> century. In Portugal, the excavations at Vila Nova de São Pedro and Zambujal confirm what was observed at Leceia and Rotura, defining a canon for Chalcolithic architectures. Recently, the appearance of ditched sites breaks this scenario and demonstrates the effective complexity of the landscapes of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, although the social significance and the relations established between ditched enclosures and fortified sites are not defined. The ditches, distinctive of Neolithic Europe, represent, in the 3<sup>rd</sup> millennium, the permanence of architectures, performances and previous way of domestication the landscape. On the contrary, stone walls, whose chronology is not prior to the 3<sup>rd</sup> millennium, are a Chalcolithic feature. Debating the origins, chronology and social significance of this new scenography of power and fear, using Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal) site, is this work main goal.*

**Keywords:** *Vila Nova de São Pedro; 3<sup>rd</sup> millennium; Walls; Chalcolithic; Iberian peninsula.*

**Resumo:** *Na Península Ibérica, as arquiteturas pétreas do Calcolítico são conhecidas desde o século XIX. Em Portugal, as escavações em Vila Nova de São Pedro e no Zambujal, confirmam o observado em Leceia e Rotura, definindo um cânone para as arquiteturas calcolíticas. Recentemente, o aparecimento de sítios de fossos rompe esse cenário demonstrando a efectiva complexidade das paisagens do III milénio a. C., ainda que o significado social e as relações estabelecidas entre recintos de fossos e povoados fortificados não estejam definidas. Os fossos, próprios da Europa neolítica, representam, no III milénio, a perduração de arquiteturas, performances e de formas de domesticação da paisagem anteriores. Ao contrário, as muralhas, cuja cronologia não é anterior ao III milénio, são uma inovação calcolítica. Debater as origens, a cronologia e o significado social desta nova cenografia de Medo e Poder, a partir de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal), é o objectivo deste trabalho.*

**Palavras-chave:** *Vila Nova de São Pedro; III milénio; Muralhas; Calcolítico; Península Ibérica.*

---

\* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence aos autores deste texto. Os autores não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.

\*\* UNIARQ — Faculdade de Letras — Universidade de Lisboa/Associação Arqueólogos Portugueses. Email: m.diniz@letras.ulisboa.pt.

\*\*\* UNIARQ — Faculdade de Letras — Universidade de Lisboa/Associação Arqueólogos Portugueses. Email: andrea.arte@gmail.com.

\*\*\*\* Associação dos Arqueólogos Portugueses/ UNIARQ — Faculdade de Letras — Universidade de Lisboa. Email: c.augustoneves@gmail.com.

\*\*\*\*\* Associação dos Arqueólogos Portugueses. Email: direccao@arqueologos.pt.

*Throughout recorded time, and probably since the end of the Neolithic Age, there have been three kinds of people in the world, the High, the Middle, and the Low.*

*And at the same time the consciousness of being at war, and therefore in danger, makes the handing-over of all power to a small caste seem the natural, unavoidable condition of survival.*

*In other words it is necessary that he should have the mentality appropriate to a state of war. It does not matter whether the war is actually happening [...]. All that is needed is that a state of war should exist.*

George Orwell, *Nineteen eighty-four*. Excertos escolhidos (pp. 192-200)

## **1. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA OU COMO A HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO INVERTE A PERSPECTIVA SOBRE A CRONOLOGIA DOS EVENTOS HISTÓRICOS DO PASSADO**

O debate, antigo já, sobre a Idade do Cobre, ou Calcolítico, está moldado, como acontece com qualquer outro tópico da discussão científica, por *percepções* construídas sobre este período histórico que reflectem mais a cronologia dos achados do que a cronografia dos eventos pretéritos. Arqueograficamente, as paisagens calcolíticas e os discursos sobre, são reconstruídas, e construídos, a partir de um registo arqueográfico que sabemos ser, apesar do que parecia uma base empírica sólida, documentada em diferentes pontos da Península Ibérica por diferentes investigadores, em diferentes momentos e no quadro de diferentes enquadramentos epistemológicos, desde a primeira década do século XXI, excessivamente parcelar.

Remontando à identificação pioneira dos campos entrincheirados<sup>1</sup>, qualquer que tenha sido o papel atribuído aos lugares com muralhas — defensivo, simbólico ou misto, quem quer que fossem os autores destas construções: orientais, indígenas ou populações mistas —, estes foram entendidos, numa narrativa de longa duração, como lugares fulcrais, e solitários, no topo das hierarquias territoriais do Calcolítico.

Paulatinamente, e durante o século XX, a imagem parece tornar-se cada vez mais nítida, e — ainda que em nenhum caso, no Ocidente peninsular — com o gigantismo do sítio de Los Millares, em Almeria, torna-se claro que as áreas defendidas, o investimento na densidade/complexidade das construções, a diversidade e o exotismo dos elementos da cultura material aí recuperados não encontram paralelo noutras modalidades de ocupações pré-históricas — alguns lugares abertos e com ocupações mais fugazes.

Por isso, numa tradição historiográfica muito sólida, os povoados fortificados, de cumeada e com muralhas de pedra, assumem-se enquanto as arquitecturas próprias,

---

<sup>1</sup> RIBEIRO, 1878.

e *tradicionais*, das paisagens calcolíticas, contrastando, na investigação dos finais do século XX, com os recém-identificados, e por isso, «novos» recintos de fossos que, se efectivamente recentes nos inventários arqueológicos que se ampliam, não o eram nos territórios do IV e III milénio a. C., do Ocidente peninsular.

No entanto, estes novos sítios, identificados e escavados, num outro contexto distinto daquele em que se movimentavam os arqueólogos que se tinham debruçado sobre os povoados fortificados — porque os recintos de fossos vão ser identificados numa outra geografia, o Alentejo interior, onde as muralhas são menos frequentes, trabalhados por uma outra, e nova, geração de investigadores darão origem a um outro discurso e debate, que fundamentalmente reflecte, como coisas autónomas, sobre estes lugares.

Em simultâneo, a investigação tradicional, que havia quase marginalizado os povoados fortificados, acabará por não renovar os seus quadros interpretativos, não construindo para o sul de Portugal<sup>2</sup> uma leitura integrada que combine lugares de fossos — preexistências fundamentais para justificar os cenários vindouros — e os lugares de muralhas, nas paisagens complexas do III milénio a. C. do Ocidente peninsular. No entanto, a identificação destes sítios de fossos exige uma revisão da própria História, das origens e dos trajectos, dos lugares com muralhas porque a sua presença é testemunho de outras fórmulas de antropização da paisagem, socialmente mais complexas que aquelas que se previam materializadas nos povoados abertos e nos primeiros lugares de altura que se esperavam marcar os territórios do Neolítico final.

Ao mesmo tempo, é fundamental a revisão dos modelos explicativos prévios, também porque a identificação, no Ocidente peninsular, das arquitecturas típicas do Neolítico europeu, como são os recintos de fossos, com cronologias que remontam aos últimos séculos do IV milénio a. C., tornam os lugares com muralhas definitivamente exógenos e distintos nas paisagens, e das tradições locais preexistentes que se inscrevem no omnipresente mundo das estruturas neolíticas negativas, em fosso, que definem áreas circulares.

Mais que erguer, em positivo, usando pedra — tradição que, na Europa, parece restringir-se às arquitecturas para os vivos do Neolítico do Egeu —, a escavação do subsolo, em sedimento ou em rocha, e a utilização de argilas e matérias orgânicas parecem gestos firmemente enraizados nos comportamentos neolíticos europeus. Ao contrário, construir em altura, com pedras — que não são os grandes ortóstatos dos monumentos megalíticos — e *argamassas*, implica um conjunto novo de conhecimentos e técnicas, bem como outras escolhas e decisões, no limite, outros movimentos dos corpos que não fazem parte das *performances* neolíticas dominantes<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Este afastamento quase total dos povoados fortificados do essencial do debate que decorre nas primeiras décadas do século XX, no Sul de Portugal, não acontece no Norte do País. A Escola de Arqueologia do Porto levou a cabo uma discussão decisiva sobre nomenclaturas, mas também funções e papéis destes lugares nas paisagens sociais, e. g. JORGE, *ed.*, 2003; JORGE *et al.*, 2006; SANCHES, VALE, 2020.

<sup>3</sup> Apesar da excepcionalidade de algumas construções domésticas em pedra, como a registada no Moinho de Valadares, VALERA, 2000.

Os recém-identificados recintos de fossos apresentam-se, agora, como sinais claros de um mundo em continuidade, de lugares cuja ocupação se inicia no Neolítico e que perdurarão, alguns, até ao Bronze Inicial, como verdadeiros *tells* do Ocidente, numa expressão horizontal do Tempo, ao contrário da irrupção súbita, sem antecedentes e sem raízes dos povoados muralhados, também eles com longas sequências de ocupação, mas sem antecedentes neolíticos.

A investigação mostra-nos, agora, que no palco do III milénio a. C., estão em cena mais actores vindos de actos prévios mais complexos que os inicialmente pensados. E, por isso, também aqui, o papel das *prequelas* no desenrolar das acções futuras deve ser avaliado.

## 2. TOPOGRAFIA E UTOPIA

No discurso acerca da Pré-História recente, a produção de alimentos é assumida como um momento de ruptura na trama de relações de longa duração entre humanos e ambiente, e que, apesar de todas as transformações e especificidades, marcaria as economias de caça-recolocção. Este momento de transformação radical é pensado como um momento de transformação irreversível, e, por isso, revolucionária, nas formas de conexão com a Natureza, nas fórmulas de conexão entre humanos, um momento de origem de novas práticas e, em consequência (?), de novas éticas.

Esta transformação radical é, no entanto, um processo de longa duração, cujas consequências se farão sentir, em alguns casos, apenas no longo prazo. No Ocidente peninsular, os primeiros lugares do Neolítico pareciam corresponder a um modelo de implantação ainda muito próximo das escolhas dos caçadores-recolectores. A selecção de lugares aplanados, abertos e sem visibilidade, evidente nos sítios neolíticos da Figueira da Foz, do Algarve e da área de Sines parecia reflectir uma tranquilidade social que também se explicava porque os testemunhos de produção de alimentos quase imperceptíveis, de baixa escala, sem excedentes, e, admitia-se, quase sem agricultura, apontavam para uma economia de caça-pastorícia que prolongava no essencial, agora com cerâmica, os quadros económicos anteriores.

No entanto, a localização dos sítios do Neolítico antigo como São Pedro de Canaferrim, Valada do Mato, Casal da Cerca, Carrascal, o mais antigo fosso da Senhora da Alegria, demonstrava uma multiplicidade de critérios de implantação que extravasa a imagem inicial<sup>4</sup>. Ao mesmo tempo, as fossas escavadas na rocha de base em São Pedro de Canaferrim, no Lapiás das Lameiras ou na Valada do Mato<sup>5</sup> — dificilmente outra coisa que não pequenos silos — ameaçavam, ainda que tenuemente, a inocência igualitária, deste momento pristino.

---

<sup>4</sup> DINIZ, 2007; DINIZ, NEVES, 2018; VALERA, 2013.

<sup>5</sup> DINIZ, 2013.

Para estas implantações menos canónicas, invocam-se economias de serra, visibilidades selectivas de territórios para controlo de recursos cinegéticos, em passagem, como algumas das causas admitidas para implantações de altura e com domínio visual da paisagem, num momento da História em que esta deve ser, ainda, o reflexo de uma terra sem amos, nem fronteiras, nem inimigos.

Esta tranquilidade social — quase utópica — num universo que se desenha a partir de uma paisagem dual —, onde grupos mesolíticos e neolíticos estiveram presentes, aponta para modalidades de interacção social que não parecem incluir violência física. A baixa densidade demográfica de todos os grupos envolvidos é, seguramente, a mais económica explicação para o ambiente que parece reflectido no registo arqueológico e osteológico. Casos como o verificado no Abric de La Sarga <sup>6</sup>, onde a extraordinária sobreposição de figuras pintadas se aproxima mais de uma luta de gangues rivais, usando grafítis, do que a um testemunho de um estado de violência entre diferentes sistemas, são pontuais.

No Neolítico médio inicial, dissolvida a conjuntura da fase anterior, os dados sobre povoamento apontam para registos de mobilidade efectiva<sup>7</sup>. Os lugares ocupados, de curta duração, revelam uma presença escassa de estruturas construídas. Esta quase invisibilidade do povoamento parece consequência de ritmos de vida muito móveis e, por isso, essencialmente pastoril. No entanto, a avaliar pelos indicadores directos visíveis nos restos humanos já analisados, e quadro geral da diacronia Neolítico-Calcolítico onde a agressividade está escassamente documentada, os níveis de violência parecem — surpreendentemente? — mais significativos nesta etapa<sup>8</sup>. Se os baixos níveis de fixação territorial, quando observados os lugares de *habitat*, podiam explicar estes sinais de conflito, é uma hipótese a testar no futuro.

Datados da fase final, do Neolítico médio, já na segunda metade do IV milénio, contrariando este modelo de ocupação, assente fundamentalmente em estadas curtas, identifica-se, pela primeira vez no Ocidente peninsular, um fenómeno europeu de grande duração, como são os primeiros (?), e ainda pequenos, recintos de fossos — que, com excepção do sítio pioneiro da Senhora da Alegria, no Mondego, parecem, no Alentejo, arrancar em simultâneo, cerca de 3400 a. C., nos Perdigões, em Juromenha, em Vila Verde de Ficalho, entre outros<sup>9</sup>.

O significado destas novas arquitecturas — uma extensão ocidental de uma prática registada desde meados do VI milénio de forma continuada nas paisagens neolíticas europeias — pode traduzir uma maior pressão sobre os territórios e, daí, uma maior necessidade de marcação de espaços e de criação de limites e fronteiras? Pode traduzir

---

<sup>6</sup> HERNÁNDEZ PÉREZ, SEGURA MARTI, *coords.*, 2002.

<sup>7</sup> NEVES, 2018.

<sup>8</sup> SILVA *et al.*, 2012.

<sup>9</sup> VALERA, 2013.

uma tensão *Domus/Agrios*<sup>10</sup>, menos sentida em fases anteriores? Se são ainda pouco conhecidos os espaços interiores que estes fossos limitam, ainda que indiscutivelmente, estes fossos, e o trabalho de construção de arquitecturas não-funerárias que revelam, reflectem a materialização física de laços sólidos com lugares, cujo uso combinou planos domésticos e simbólicos, como é próprio das sociedades tradicionais. Se estes fossos também reflectem medos que ultrapassam o receio do que é selvagem, se traduzem outras inquietações sociais, são questões a debater. Nesta etapa, os fossos parecem, ainda, como a casa de madeira da deliciosa fábula infantil, suficientes para proteger os seus ocupantes do exterior.

### 3. UTOPIA, TOPOGRAFIA E MEDO

Nos momentos terminais do IV milénio a. C., na etapa que corresponde ao Neolítico final, os sítios de fossos estão em pleno funcionamento, assim como os sítios abertos, planos, sem condições naturais de defesa e uma, referida, primeira subida a lugares de cumeada — ainda sem muralhas —, mas, numa topografia naturalmente defendida, surge como um pré-aviso de que se aproximavam tempos de maior instabilidade social, e numa leitura, inevitavelmente, finalista da História, os arqueólogos souberam valorizar esses ténues indícios de mudança e de conflito eminentes.

A utopia das sociedades igualitárias está prestes a desfazer-se. A leitura do registo arqueológico que permitia prolongar até à transição IV/III milénio a. C., esse estado de inocência original, antecipa o Calcolítico, lendo nesses lugares de altura, que não são dominantes, os indícios significativos de um novo ciclo histórico — ainda em embrião —, onde o medo e conseqüentemente o poder de o infligir irão fazer parte das novas paisagens sociais.

No entanto, uma análise dos padrões de povoamento do Neolítico final aponta para uma diversidade significativa dos critérios de implantação<sup>11</sup>, que permitem outras leituras. Além das ocupações de cumeada, também as ocupações de encostas suaves, de pequenos esporões sobre linhas de água ou de áreas aplanadas e abertas fazem parte destas paisagens. Se recipientes como taças carenadas são encontrados nos níveis de base de alguns dos povoados calcolíticos com muralhas, esta implantação em lugares naturalmente defendidos não parece ser, numa leitura de conjunto, dominante. A encosta suave onde se localiza o povoado da Parede, de Vale de Lobos/Belas Club de Campo, da Foz do Enxoé, de Casa Branca 7, de Vila Verde de Ficalho, de Águas Frias ou da Ponte da Azambuja 2 e de Vale Pincel 2<sup>12</sup> aponta para a existência na Baixa Estremadura, no Interior Alentejano ou na Costa Sudoeste, ainda no Neolítico final, de um modelo diversificado de ocupação do território onde os lugares de mais efectiva fixação não

<sup>10</sup> HODDER, 1990.

<sup>11</sup> SOUSA, 2016-2017.

<sup>12</sup> CALADO, ROCHA, 2004; DINIZ, 1999; PAÇO, 1964; RODRIGUES, 2006, 2017; SOARES, 1994; VALENTE, 2006.

parecem reflectir preocupações defensivas. Que os fossos delimitam não é discutível, mas se também protegem — e em que modalidade protegem — os que se encontram no seu interior, como primeiros testemunhos de um sentimento de insegurança que pode estar na origem de algumas pequenas ocupações de cumeada, mas que não tem ainda um reflexo topográfico generalizado, é de destacar.

Identificam-se, assim, os primeiros sinais de medo, com expressão arquitectónica. Incongruentes, incoerentes, como a dimensão irregular de alguns fossos cuja largura e profundidade não defende nenhum espaço — como em Águas Frias ou, numa cronologia mais recuada, em Mas d'Is<sup>13</sup> —, onde podem ser apenas subtis marcações no terreno.

Na última etapa do Neolítico, num momento em que os primeiros sinais de intensificação económica são identificados nos conjuntos artefactuais de *habitats* e necrópoles, a instabilidade social não parece ter ainda tomado conta das paisagens. A escavação de fossos constitui-se como prática adquirida, ao contrário das construções positivas em pedra de tipo muralha, que não fazem parte do reportório arquitectónico destas sociedades. Com excepção do troço de muralha do povoado das Lameiras não estão registadas outras ocorrências semelhantes para cronologias do Neolítico final.

#### 4. INTERMEZZO

Aqui, justifica-se, como um *intermezzo*, a introdução de um outro tópico que é também causa, ainda que implícita, dos mecanismos que subjazem à interpretação do registo arqueológico e que demonstra como as Grandes Narrativas, no sentido de *Big Stories* ou *Grand Narrative*, vindas do Evolucionismo linear do século XIX, condicionam a percepção sobre a trajectória humana que se espera caminhe do simples para o complexo, do igualitário para o hierarquizado, da harmonia para o conflito. Deste quadro conceptual decorre a necessária procura, no registo arqueológico, dos indicadores de mudança, de descontinuidade, de rupturas na trajectória das sociedades. A utópica igualdade primitiva dos caçadores-recolectores é primeiro quebrada pela produção de alimentos, que irá gerar uma assimetria em crescendo, de forma desigual e descontínua, mas efectiva. Depois desta ruptura, quase incipiente, a maturidade das sociedades agro-pastoris gera também a *diferença* entre sítios, registada na sua dimensão, no investimento, na exigência logística e na densidade demográfica que revelam, bem como na menos evidente *diferença* entre indivíduos, no entanto, implícita em alguns espólios funerários, testemunhando assimetrias múltiplas nas paisagens que se vão tornar em lugares cada vez menos igualitários.

A crescente desigualdade assente em processos de armazenamento, apropriação, conquista de bens materiais e imateriais foi, no entanto, em diferentes geografias e cronologias, combatida através de práticas destinadas a abolir a acumulação e, portanto,

---

<sup>13</sup> BERNABÉU AUBÁN, OROZCO KÖHLER, DIEZ CASTILLO, 2012.



as diferenças sociais que daí advinham. No universo amplo das ações preventivas, executadas pelas «sociedades contra o Estado»<sup>14</sup> — que não conhecem, mas que parecem intuir —, o registo antropológico e arqueológico documenta complexos códigos de conduta, como os *Potlach*, dos grupos da Costa Ocidental da América do Norte, o Dom das Ilhas do Pacífico<sup>15</sup>, mas, também, os ritmos de abandono das aldeias neolíticas, na Europa Central<sup>16</sup>, ou dos grandes incêndios das casas neolíticas e calcolíticas da região balcânica<sup>17</sup>, destinados a (re)colocar a zero o relógio do desequilíbrio social.

No entanto, em alguns momentos, como acontece no Calcolítico peninsular, o registo arqueológico é o resultado de um momento decisivo na criação desses mundos desiguais — por ineficácia ou abandono dessas *ações preventivas*?

Como preâmbulo à *Great Acceleration*, do III milénio a. C., que, como no Antropoceno do século XX, assiste ao «dramatic, continuous and roughly simultaneous surge in growth rate across a large range of measures of human activity, first recorded in [...] and continuing to this day»<sup>18</sup>, estão presentes sítios abertos, em zonas baixas, sítios de altura, só naturalmente defendidos e sítios de fossos. A este quadro neolítico somam-se, depois, os povoados fortificados, com muralhas de pedra que, como mais um elemento no gráfico cuja linha de tendência demonstra inequivocamente o sentido de complexificação do processo histórico, adensam a paisagem social.

Como se articulam e que relações estabelecem, nesta Grande Aceleração, que define o Calcolítico, sítios de diferentes, ou de semelhantes, tipologias arquitectónicas? Entre sítios de fossos — preexistentes, sítios de muralhas — disruptivos, sítios abertos — de padrão ancestral — estabelecem-se relações de poder e/ou relações de paridade e/ou relações de competição? Com toda a probabilidade.

Nas paisagens calcolíticas, a competição, a instabilidade e o medo não impedem que — como acontece sempre nos espaços que se fecham — para além dos fossos e das muralhas circulem pessoas, coisas e animais, rompendo fronteiras e cruzando territórios. Os processos simultâneos de confinamento e de cruzamento demonstram a multiplicidade de planos performativos em que territórios, sítios e indivíduos estão, ao mesmo tempo, limitados e abertos, circulando em redes densas que funcionam.

## 5. PARA UMA CRONOLOGIA DO MEDO E DO PODER — O SÍTIO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA, PORTUGAL)

O número substantivo de datações absolutas disponíveis para o Calcolítico peninsular, em particular se combinado com intervalos de tempo obtidos sobre restos humanos,

---

<sup>14</sup> CLASTRES, 1974.

<sup>15</sup> MAUSS, 2008.

<sup>16</sup> GUILAINE, 1991.

<sup>17</sup> TRINGHAM, 2005.

<sup>18</sup> STEFFEN *et al.*, 2015.



carvões, artefactos e fauna, e partindo da premissa, questionável, mas aliciante, de que *dates are data*, demonstra, também, neste domínio, uma aceleração efectiva que só pode ser consequência do disparo demográfico subjacente às paisagens calcolíticas<sup>19</sup>.

No entanto, deste número significativo de datações absolutas acumuladas nos últimos quarenta anos, uma parte substantiva dos intervalos de tempo disponíveis não se considera, neste momento, adequada para a reflexão histórica. Uma parte substantiva das amostras foi processada por métodos convencionais, e para muitos sítios não existem ou são muito escassas as datações obtidas por AMS, o que significa, dada a diferente dimensão da amostra necessária, graus muito distintos de precisão cronológica, ao mesmo tempo que continuam a ser utilizados como referentes cronológicos intervalos de tempo com desvios-padrão muito amplos e, por isso, de escassa eficácia.

Para o Calcolítico, quando a Mudança se acelera a um ritmo que o carbono 14 dificilmente consegue detectar, é urgente uma revisão das cronologias que parta de novos programas de datação absoluta e, a partir dos quais, seja possível datar diferentes amostras vindas de uma mesma unidade estratigráfica, identificando e excluindo *outliers*, rejeitando os resultados com desvios-padrão superiores a cem anos, seleccionando amostras de vida curta para datação por AMS, interpretadas a partir de uma análise bayesiana que integre as proveniências estratigráficas para redução dos intervalos de tempo, como estratégia conjunta para (re)definir os tempos da história calcolítica.

Ao mesmo tempo, a atenção aos processos pós-deposicionais e à complexidade dos fenómenos que formam os depósitos arqueológicos é fundamental para explicar a incongruência que muitas vezes se detecta entre os resultados da datação e a posição estratigráfica da amostra.

Datar o arranque dos povoados fortificados — um tema-chave na literatura sobre o III milénio a. C. no Ocidente peninsular —, datar as fases de construção e reconstrução, de abandono e de reutilização destes lugares de biografia complexa permitirá identificar fenómenos (a)sincopados de medo e de ostentação, materializados na construção/ampliação/reconstrução de muralhas e de fossos, numa correlação fundamental entre lugares de um mesmo território.

E é o princípio deste exercício, combinando intervalos de tempo e observações estratigráficas, que aqui se inicia para o povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, sobre o qual os autores têm, desde 2017, no âmbito do projecto VN3000 — *Vila Nova de São Pedro, de novo no 3.º milénio*<sup>20</sup>, desenvolvido trabalho de terreno procurando reconstruir a paisagem e a cronologia de um lugar — sítio epónimo de etapas culturais de valor transregional, como deviam ser as fases VN I, VN II e VN III —, mas sem referências cronométricas.

---

<sup>19</sup> BLANCO-GONZÁLEZ *et al.*, 2018; HINZ *et al.*, 2019.

<sup>20</sup> ARNAUD *et al.*, 2017; DINIZ *et al.*, 2018; MARTINS *et al.*, 2019.

## 5.1. O lugar

O sítio de VNSP ocupa uma plataforma elevada, terminando em esporão e delimitada por duas linhas de água, cujas vertentes a Oeste e Este apresentam uma considerável assimetria.

A Oeste e a Norte, a plataforma está delimitada por um declive muito abrupto que marca as vertentes que descem até à Ribeira de Almofter. A Este, a vertente de declive mais suave é interrompida por pequenas plataformas aplanadas que parecem facilitar a subida ao topo. No entanto, as bancadas de calcário, com limites verticais que afloram neste sector, apresentam-se como verdadeiras muralhas naturais dificultando a progressão no terreno.

A Sul, o acesso ao sítio faz-se pela área aplanada deste topo de interflúvio, área desprovida de protecções naturais. A escolha desta plataforma, geomorfologicamente uma réplica da área de implantação de Los Millares, com três lados naturalmente defendidos e uma área de acesso aplanada, garante em simultâneo uma visibilidade panorâmica sobre os territórios envolventes e disponibilidade de água — questão adiante discutida —, elementos decisivos nesta estratégia de implantação.

Ao mesmo tempo, a escolha desta plataforma, limitada a Oeste pela Ribeira de Almofter, garante um acesso imediato a um corredor de comunicação, o vale entre a Serra de Montejunto e o Rio Tejo, fronteiras naturais de um território onde o sítio existe, até que novos dados surjam, como figura solitária. A navegabilidade da Ribeira de Almofter, até perto do sítio, acrescenta às rotas terrestres os percursos fluviais, e depois marítimos, que ligam o povoado ao Atlântico e ao Mediterrâneo (Fig. 1).

A plataforma tendencialmente aplanada, mas não plana, onde se implanta VNSP é, numa linha de corte O-E, claramente assimétrica no que parece o resultado da topografia natural, mas também de intervenções antrópicas no lugar. No sector ocidental do sítio, sobre um declive muito suave, estão registados três patamares — o de cota mais baixa onde está construída a terceira linha; um segundo patamar, em que se encontra implantada a complexa segunda linha e escavado o fosso; e um terceiro patamar, no qual aflora a Noroeste o calcário de base, e onde são construídos os bastiões e a muralha do reduto central (Fig. 2).

No sector oriental, existem apenas dois patamares — o de topo, onde está presente apenas a muralha interna, nesta face em mau estado de conservação, abruptamente separado da plataforma da base por um talude, que pode atingir os quatro metros de altura, não estando identificados, nesta área, outros panos de muralhas. Este talude que envolve em cerca de 260 graus, o sítio acrescenta defensabilidade a esta vertente onde as já referidas bancadas de calcário funcionam como muralhas naturais.

Neste momento, e como resultado quer dos diferentes episódios datados do III milénio — como tenham sido diferentes soluções arquitectónicas, diferentes investimentos, diferentes episódios de destruição/reconstrução — quer dos episódios ocorridos ao longo do século XX, VNSP apresenta, como outras arenas, dois lados, um

sombra/sol invertido, com um lado monumental, com muralhas de pedra e bastiões, orientado a Noroeste — Tejo e Ribeira de Almoester — e um lado oculto, sombrio e muito arrasado, onde elementos naturais e um talude defendem o sítio, a Este-Sudeste.

A leitura do terreno e a análise do levantamento topográfico recentemente realizado permitem-nos, agora, ir além da planta de VNSP que, nos últimos cinquenta anos, cristalizou, numa perspectiva arquitectónica, o povoado. A planta de H. Savory, a primeira planta *moderna* do sítio, relativa aos trabalhos de 1959, publicada em 1970, nas *Actas das Jornadas da AAP*, apresenta as três linhas de muralhas, a entrada na terceira — e mais exterior — linha, os dois bastiões — oco e maciço — da segunda linha, o reduto central onde figuram onze bastiões — com o recém-identificado bastião 8a, a entrada no recinto, bem como, no seu interior, algumas estruturas, como silos, muros, a cisterna, o «barreiro» e o «forno»<sup>21</sup>.

Esta imagem, fundamental para a leitura do sítio e debate sobre fases e sequências de construção, no entanto, não contempla a totalidade das estruturas identificadas no terreno, uma vez que os trabalhos se prolongam até 1967, e em casos como o da terceira linha, esta estrutura, desenhada a traço descontínuo, parece não estar, então, descoberto, tal como sugere a passagem: «Há ainda *indicações* de que o povoado tinha uma terceira muralha envolvente externa.»<sup>22</sup>.

Ao mesmo tempo, esta planta, na sua bidimensionalidade essencial, não regista o talude que quase rodeia o sítio, e, na abstracção necessária, as estruturas adquirem uma coerência, homogeneidade e *simplicidade* que, efectivamente, as não define, porque, de raiz, correspondem a distintos episódios de construção, pois, no presente, estão de tal forma arrasadas e, em alguns casos, restauradas, que dificilmente se podem integrar numa estrutura única.

Por isso, é fundamental acrescentar à planta de Savory, entre outros elementos arquitectónicos, o talude que quase envolve o sítio e que, como um gomo de laranja, apresenta hoje uma altura variável que pode atingir, na área fronteiriça ao muito destruído bastião 6, os quatro metros, acrescentar a estrutura semicircular, o «rim», adiante descrito, o pequeno troço a Sul de grandes blocos que podem monumentalizar uma entrada, a terceira linha, a Este, descrita e representada em 1952<sup>23</sup>, o fosso que, em 1959, estaria seguramente colmatado.

Hoje, da leitura combinada das observações de terreno, do levantamento topográfico e das imagens de *drone* constata-se uma outra complexidade construtiva no sítio que, em algum momento, está integralmente protegido por algum tipo de dispositivo que combina elementos naturais, como são os declives das vertentes e os afloramentos rochosos, e elementos antrópicos como as muralhas e o talude.

---

<sup>21</sup> SAVORY, 1970.

<sup>22</sup> SAVORY, 1974: 161.

<sup>23</sup> PAÇO, ARTHUR, 1952.

## 5.2. O início

A ocupação dos povoados calcolíticos com muralhas parece corresponder, por norma, a fundações *ex-novo*. Em Leceia, a camada sedimentar que cobre o nível 4, do Neolítico final, aponta para a reocupação de um lugar abandonado; no Zambujal são pouco claros os sinais de uma fase neolítica, assim como em VNSP, a avaliar pela ausência de fósseis-directores dessa etapa.

Neste sítio, o ritual de fundação, um gesto sem paralelo, identificado num fosso extenso, escavado entre a primeira e a segunda linha, de acordo com as indicações de A. Paço<sup>24</sup>, é materializado na deposição de fauna e do grande recipiente cerâmico — hoje visível no Museu Arqueológico do Carmo (MAC). Da fauna descrita, mamalógica e malacológica, podem sobreviver, no MAC, os grandes e intactos cornos de *Bos*, ainda que sem referência explícita à sua proveniência.

Da componente artefactual identificada, o grande recipiente cerâmico — esférico, liso — reproduz em dimensão ampliada uma forma banal nos repertórios neolíticos e calcolíticos, sem valor cronológico específico, tal como os instrumentos de pedra polida e de pedra lascada, então referidos.

Além deste contexto inaugural, cuja cronologia permanece incerta, outras manobras no sítio, como a construção de muralhas, realizam-se sobre a rocha de base, sobre «entulhos» de nivelção e preparação da superfície de construção, mas também sobre vestígios de ocupações anteriores, de acordo com observações feitas em trabalhos anteriores.

No estado actual, e em função do que pode ser observado no terreno, verifica-se que, em alguns pontos, a muralha central assenta directamente na rocha de base, nomeadamente na área do bastião n.º 10. Em outras áreas, nomeadamente no sector Sul, em particular, o troço que reforça a muralha preexistente, entre a entrada calcolítica, no recinto e o corte feito por Paço a Sudeste, para passagem da vagoneta, assenta numa camada de profundidade significativa que não parece corresponder, no entanto, a níveis de ocupação do sítio, mas a material aglomerado — terra, pequenas pedras, argamassas — aí depositado tendo em vista a nivelção do terreno. A ausência, nesta camada onde se apoia a muralha, do sedimento fino de cor negra e de materiais arqueológicos que caracterizam as áreas de ocupação humana parece indiciar que aquela é uma acumulação de *material de construção*, «superfície preparada de barro e calcário triturado»<sup>25</sup>, regularizando um afloramento calcário lapializado, mais do que restos de uma antiga fase de ocupação.

## 5.3. Sobre a muralha interna ou reduto central

A muralha central de VNSP, com uma espessura que oscila entre os cerca de cinco metros no limite Oeste da entrada e os menos de dois metros entre os bastiões 3 e 4, define um

---

<sup>24</sup> PAÇO, 1942.

<sup>25</sup> SAVORY, 1970: 161.

espaço genericamente circular de cerca de 25 metros de diâmetro, e apresenta, hoje, duas faces muito distintas que a complexa biografia do sítio poderá explicar. A um lado monumental — a Noroeste —, onde figura o célebre quarteto de bastiões de VNSP, e do qual fazem parte os bastiões 1 a 5, e em que ainda se conservava uma altura de muralha de cerca de 3,60 metros, opõe-se um outro sector a Sudeste, em mau estado de conservação, com bastiões arrasados ou desaparecidos, com sinais de rombos, reforços e restauros que podem ser atribuídos quer às populações calcolíticas quer à acção de Afonso do Paço. Os restauros feitos na década de 1980 por Oliveira e Veiga Ferreira<sup>26</sup>, alguns já derrocados, identificam-se, regra geral, com alguma precisão neste reduto.

O diferente estado destes dois sectores deve traduzir uma complexidade de eventos relacionados quer com diferentes investimentos na construção — o lado monumental está orientado na direcção Serra de Montejunto/Ribeira de Almoester/Santarém/Rio Tejo, o corredor fundamental de circulação, ainda que não exista, do vale, visibilidade directa para o sítio — quer com diferentes episódios de uso, destruição, e também reconstrução, acontecidos ao longo do Calcolítico, mas também, e porque este já era o lado mais frágil e menos aparatoso, levados a cabo durante as intervenções de Afonso do Paço.

Aos trabalhos de Afonso do Paço atribuem-se o grande rombo que atinge os cinco metros, a Sudeste, para passagem da vagoneta, e o desaparecimento do bastião 7, bem como a reconstrução de um troço de muralha, a Este, da passagem da vagoneta. Neste sector, o aparelho de construção do reduto difere de forma nítida da restante muralha, e sobre este sector, diz o próprio, no relatório de 1956, ano em que a escavação aqui decorreu: «Nova área de escavação exterior à muralha que levou a reforços e tentativas de reconstrução da mesma<sup>27</sup>.» Este troço que apresenta uma extensão de cerca de quatro metros é composto por diferentes realidades, um muro fundamentalmente de terra e pedra solta, e uma cunha formada por blocos de pedra que encostam ao que parece a muralha original (Fig. 4).

Contudo, outros cortes, além do de Savory, devem ter sido feitos nesta muralha central. Nas diferentes plantas de VNSP, publicadas por Paço e seus colaboradores, o reduto central representado de forma muito esquemática e sem bastiões apresenta cortes, de significado pouco claro, em diferentes pontas do que deve ser a muralha e que não são hoje visíveis<sup>28</sup>.

Ao mesmo tempo, os bastiões que celebrizaram esta muralha não só se encontram em diferentes estados de conservação — dos onze referidos, apenas dez estão conservados, o bastião 7 está totalmente desaparecido —, como apresentam diferentes dimensões e correspondem a diferentes tipologias arquitectónicas.

---

<sup>26</sup> OLIVEIRA, FERREIRA, 1990.

<sup>27</sup> PAÇO, 1958.

<sup>28</sup> PAÇO, SANGMEISTER, 1956.

São bastiões maciços e solidários com a muralha, os bastiões do sector Noroeste, n.ºs 9, 10, 1, 2, 3, 4 e 5, este último quase totalmente destruído.

No sector Este-Sul, encontram-se os bastiões adossados à muralha, caso dos bastiões 6, 8 e 8a, que correspondem, numa estratigrafia da arquitectura, a um outro, e posterior, momento construtivo. Destaca-se o caso do bastião 6, que mais que um bastião é um pequeno murete, em forma de vírgula, arrasado até à base, que, em cronologia incerta, se acrescenta à muralha.

Neste reduto, a zona de entrada foi alvo de um continuado investimento construtivo, em particular no limite Sudeste, cujas estruturas revelam acções complexas de construção e reforço do aparelho pétreo.

À direita de quem entra no recinto, um pano de muralha, hoje cortado pela entrada da vagoneta, terminava num bastião 8 *original*, claramente destacado do perímetro da muralha. Em algum momento, esta zona de entrada monumentaliza-se e reforça-se directamente com a justaposição de um novo pano de muralha ao preexistente, integrando assim o bastião 8 *original*, na nova espessura que a muralha aqui adquire, perdendo a sua posição avançada sobre o terreno. É, por isso, construído um *novo* bastião 8, agora arrasado até à base, que controla o acesso a este espaço interno.

Além deste reforço de muralha, que aqui quase duplica a sua espessura, e da construção de um novo bastião, a zona de entrada também a Oeste vai ser objecto de uma atenção particular com a colocação de um bastião adoçado — 8a —, o único na planta de Savory a figurar claramente como um acrescento à muralha inicial — num troço do reduto que não ostentava, de raiz, este tipo construção. Aqui, verifica-se o que parece ser uma sobreposição de bastiões — única no sítio. Sobre uma base ampla, possível arranque de um grande bastião derrubado ou uma sapata de pedra, assente em níveis de ocupação anteriores, constrói-se um bastião semicircular de menor dimensão (Fig. 4).

O reduto central parece, assim, o resultado de diferentes episódios construtivos, que constroem uma história muito complexa e reflecte, hoje, investimentos distintos e graus de conservação muito diferenciados, cujas causas naturais e/ou antrópicas e as cronologias devem ser discutidas.

#### **5.4. Sobre a área entre o reduto central e a segunda linha**

A área compreendida entre o reduto central e a segunda linha, área onde se iniciam, na década de 1930, os trabalhos de escavação, e de onde provêm uma parte substantiva dos materiais recuperados no povoado, apresenta uma complexidade efectiva, combinando estruturas positivas e negativas, áreas onde aflora a rocha de base e diferentes momentos construtivos, alguns dos quais de sequência óbvia e outros de difícil ordenação, dado que as suas relações estratigráficas podem estar já irremediavelmente comprometidas por anteriores trabalhos.

No terreno, esta segunda linha dificilmente se reconhece na estrutura esquemática que Savory recorda na planta de 1970<sup>29</sup>. Se os dois bastiões — um maciço e outro, de grandes dimensões, oco, correspondem às mais imediatas estruturas desta segunda linha, a sua análise demonstra que esta é uma realidade muito complexa, constituída por segmentos não lineares que correspondem a vários momentos construtivos. Esta linha assenta na rocha de base, na área sondada nos trabalhos de VN3000<sup>30</sup>, mas a Norte, a avaliar pelas imagens existentes no Arquivo do SIPA, o bastião oco assenta em terra com pedra miúda.

Ao mesmo tempo, em várias imagens fotográficas, detecta-se um reforço exterior; uma outra linha paralela a esta, hoje, muito desmantelada, que corre ao longo da área fronteira aos bastiões 9 e 10. Este troço encontra-se com uma área de muralha ainda bem conservada, muito espessa e onde se identifica um reforço interior da estrutura. A este troço adocasse o bastião maciço e, deste, parte, desenhando uma linha descontínua, uma muralha bífida estreita, de que uma linha será o limite do bastião oco. A outra linha, o provável contorno interno deste grande bastião, está, hoje, muito arrasada. A complexa sequência estratigráfica conclui-se com um reforço exterior — hoje reduzido arrasado pela base — que parte da muralha onde se adocou o bastião maciço e que irá envolver também o arranque da muralha bífida (Fig. 5).

Estes quatro episódios construtivos, ainda preservados numa área reduzida, são um dos notáveis exemplos do continuado investimento de que o sítio foi objecto. A complexidade deste sector não se esgota na construção de muralhas. Esta segunda linha, que é, na realidade, uma estrutura compósita, limita a Oeste a área de fosso, onde se identificou o ritual de fundação antes descrito, que parece prosseguir para Sul. A rocha escavada para *abrir* esta área ou estrutura negativa foi, depois, revestida por uma parede de alvenaria e *argamassa* ainda hoje parcialmente conservada. As relações estratigráficas entre esta estrutura negativa e a muralha pétreia não são muito óbvias, uma vez que a remoção anterior dos depósitos torna difícil a interpretação da sequência construtiva.

Ao mesmo tempo, na zona fronteira aos bastiões 3 e 4, bastiões menos próximos que o célebre trio dos bastiões 1,2 e 3, e definindo um corredor estreito, terá sido, já na década de 1960, identificado um troço de muralha, de formato semicircular (em forma de «rim»), descrito, nestes moldes por Paço, no relatório de 1965:

*Em local situado a N. da muralha interior, onde se divisaram certas pedras e depois deparamos com um pequeno troço da segunda muralha, já bastante destruída. Junto desta muralha devem ter vivido populações de metalúrgicos, pois encostado a ela estava um belo serrote de cobre. Quanto a materiais nada mais há a assinalar, a não ser uma placa de barro tendo representados dois animais, provavelmente dois bovídeos<sup>31</sup>.*

<sup>29</sup> SAVORY, 1970.

<sup>30</sup> MARTINS *et al.*, 2019.

<sup>31</sup> RIBEIRO, 2013: 32.



Este troço está ainda conservado no sítio, como é visível na Fig. 6, apesar de nunca ter sido registado em planta.

Esta segunda linha, com uma construção claramente faseada que dá origem a uma arquitectura descontínua, apresenta, também, para Sul, outros troços, mal conservados no terreno, mas que parecem, por uma inflexão de perfil, ampliar o espaço protegido, indo ao encontro de vestígios de muralha construída com blocos quase ciclópicos, ainda visíveis no terreno que podem monumentalizar uma área de entrada e de acesso a este segundo patamar.

### 5.5. Terceira, e mais exterior, linha de muralha

Esta, até ao momento, a mais exterior linha de muralha, orientada para a vertente muito abrupta que desce para o vale da Ribeira de Almoster, limita o sítio a Oeste e encontra-se arrasada quase até à sua base. Esta parece ser a única linha sem bastiões, ainda que, ao longo do seu traçado e junto à zona de entrada, algumas concentrações pétreas de aspecto circular sejam de difícil interpretação. Esta muralha está orientada para a vertente muito abrupta que desce para o vale da Ribeira de Almoster.

Esta linha é constituída por dois segmentos que se encontram numa entrada calcolítica, não alinhada, como é próprio dos recintos muralhados, com o que parece ser a entrada da segunda linha, nem com a entrada no recinto central. Esta linha de muralha, de que A. Paço ainda registou um comprimento de 72 metros<sup>32</sup>, corre no sentido Norte-Sul e morre sem continuidades identificadas, nos seus extremos, antes de atingir o talude. Dos primeiros trabalhos realizados em VNSP, Paço refere que:

*Do lado oposto, a Este, separado uns 60m, da zona já escavada descobriram-se restos de outro muro, na extensão de uns 40m. Será ele continuação do que se levanta a Ocidente? Talvez, mas até hoje não nos foi possível encontrar qualquer união entre os dois, tanto a Norte como ao Sul do Castro. É que nem sempre fechavam completamente limitando-se apenas aos lados mais vulneráveis do recinto habitado<sup>33</sup>.*

Esta estrutura pétreia na Fig. 2, do trabalho citado, pode corresponder a um alinhamento de grandes blocos visíveis entre a vegetação, que limitariam a Nascente e além do talude, o povoado.

A complexidade efectiva de VNSP não está ainda totalmente documentada. Os trabalhos de limpeza de uma vegetação muito densa, que ocultou, durante décadas, estruturas positivas e negativas não está concluído, mas, neste momento, é claro que a planta de Savory, documentando o estado do sítio no Verão de 1959, não integra a totalidade das arquitecturas que constituem o sítio.

<sup>32</sup> PAÇO, ARTHUR, 1952.

<sup>33</sup> PAÇO, JALHAY, 1942: 8.

## 5.6. Episódios de uma sequência construtiva

Nas complexas arquitecturas que os povoados fortificados chegam a ser, tem sido um tópico, sempre em aberto, a definição de fases e sequências de construção que implicam, além do *projecto original*, obras de adição, ampliação, retracção, segmentação e reparação ou reforço das áreas construídas.

O sentido desta dinâmica de gestos é decisivo na interpretação dos sítios. Previsivelmente, a arquitectura deve espelhar, como a pele de um ser vivo, o estado de saúde social, económica e simbólica do grupo. A prosperidade esperada num lugar que cresce e que amplia a área defendida, a crise que se antevê num lugar que se retrai, o investimento, maior ou menor, em restauros e reforços são sinais perceptíveis de uma tensão social, constante ou que se suaviza, são fórmulas materiais de combater o Medo e/ou de ostentar um Poder que mascara — muitas vezes voluntariamente — fragilidades e crises. E, nesta relação complexa com o construído, admite-se que, numa paisagem apaziguada, as muralhas já não são necessárias. A derrocada progressiva, e provavelmente rápida, destas estruturas pétreas gera ruínas, ruínas sobre as quais se vive e que, se podiam ser sinais novos de um mundo sem fronteiras e sem obstáculos à marcha, são, à luz do cânone ocidental, um sinal de decadência e colapso de um sistema.

Em VNSP, a sequência construtiva das principais estruturas pétreas tem sido discutida em diferentes momentos. Admitida que a linha exterior a Ocidente, ou terceira linha, seja a mais antiga construção<sup>34</sup>, definindo uma área ampla, limitada a Norte e a Este pelas vertentes da plataforma ocupada, os episódios seguintes de construções vão fortificar a área mais elevada deste esporão, parecendo, por isso, obedecer a um plano preexistente. A linha de muralha a Este, descrita, mas não reidentificada, podia fazer parte desta primeira fase, assim como o fosso, onde se realiza o ritual de fundação.

O reduto central numa formulação, distinta da hoje visível, admite-se que pode ser a etapa seguinte das construções. Uma muralha espessa, com a qual são solidários os bastiões maciços 9 a 5, no sentido Sul-Norte, com uma entrada estrangulada, defendida pelo bastião 8, original. A este reduto acrescentam-se, num outro momento, os bastiões 6 a 8b, reforça-se, com justaposição de um novo pano de muralha, o troço a Este, da entrada calcolítica. Já no século XX, a muralha é cortada, entre o bastião 8 e 6, para passagem da vagoneta e em parte reconstruída por A. Paço (Fig. 4).

A ser esta a efectiva sequência construtiva, a área do sítio está definida num primeiro momento, consistindo as intervenções nos séculos seguintes em obras no interior deste espaço. No caso do reduto central, que ocupa o topo desta plataforma subaplanada, estava seguramente previsto desde a raiz — a sua monumentalidade, a posição que ocupa no terreno, o investimento que traduz, a relação com um recurso tão decisivo como a água, não permite interpretá-lo como um subproduto de uma estratégia

---

<sup>34</sup> GONÇALVES, SOUSA, COSTEIRA, 2013.

defensiva — assente na terceira linha — que se teria demonstrado insuficiente —, mas, pelo contrário, uma arquitectura nuclear, nesta ocupação.

Nesta sequência, a complexa segunda linha de muralha, o talude, a estrutura semi-circular e o pequeno troço conservado a Sul podiam corresponder a uma terceira fase. O muro oblíquo entre a terceira e a segunda, posto a descoberto durante as escavações de 1985 e 1986<sup>35</sup>, corresponderia a uma outra, e última? etapa calcolítica, de construções no sítio.

Este mesmo processo de intensificação/complexificação arquitectónica observa-se em outros sítios contemporâneos. No Zambujal<sup>36</sup>, a área protegida parece estar definida na primeira fase de construção e, ao longo do Calcolítico, é a densificação das estruturas e o reforço do aparelho que marca os diferentes momentos. Em Leceia, o espaço protegido parece delimitado logo numa fase inicial da ocupação, e nas diferentes fases construtivas assiste-se ao reforço e complexificação das estruturas que, em meados do milénio, atingem o seu ponto máximo<sup>37</sup>.

Se as ampliações/retrações de áreas protegida não parecem a estratégia nuclear, mas a densificação das estruturas pétreas, no caso, do recinto de fossos dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz, um lugar datado a partir de um número notável de intervalos de tempo, a sequência de construção, neste caso, de escavação, aponta num sentido inequívoco<sup>38</sup>. Os pequenos recintos que, no Neolítico médio, ocupam a área central do sítio são, ainda no Neolítico final, parcialmente(?) delimitados por um fosso que define a imensa vastidão que o sítio apresentará ao longo do Calcolítico. Esta área é depois adensada por escavações sucessivas de estruturas negativas que reforçam também pela monumentalidade, à escala da figura humana, esmagadora, o significado do sítio<sup>39</sup>.

Para o sítio de VNSP, inicia-se, agora, o lento trajecto de reconstrução da cronologia do sítio, e, portanto, das fases de criação/perda de monumentalidade, a partir de datações absolutas hoje disponíveis — obtidas nas escavações realizadas pelo projecto VNSP3000 e por outras vindas a lume nestes últimos anos e de contextos stratigráficos menos seguros. As fases de construção que agora se podem definir demonstram um investimento evidente e continuado no sítio, num processo iniciado em torno de 2800 a. C, e que, a avaliar pela datação da UE 116, pode estar já em derrocada por volta de 2200-2100 a. C.<sup>40</sup> (Tabela 1).

Os ainda escassos intervalos de tempo disponíveis confirmam a antiguidade da terceira linha, um segundo momento de construção do reduto central e, por fim,

<sup>35</sup> GONÇALVES, 1993.

<sup>36</sup> KUNST, 2017.

<sup>37</sup> CARDOSO, 2010.

<sup>38</sup> VALERA, SILVA, MÁRQUEZ ROMERO, 2014.

<sup>39</sup> VALERA, *ed.*, 2018.

<sup>40</sup> MARTINS *et al.*, 2019.

a construção do talude e da segunda linha de muralha. Da área da terceira muralha provêm intervalos de tempo entre 2800-2600 a. C.<sup>41</sup>, efectivamente os mais recuados, até ao momento, obtidos no sítio. Neste sector, dominam as cerâmicas lisas, mas não existem disponíveis outras quantificações de elementos da cultura material<sup>42</sup>.

Para o reduto central, a datação recentemente apresentada por Cardoso<sup>43</sup> sobre uma amostra recolhida por Veiga Ferreira na camada de base do bastião 3, durante os trabalhos de restauro da muralha realizados em 1983, aponta para o intervalo entre 2670-2490 a. C., um possível *terminus post quem* para o reduto central, genericamente contemporâneo da construção do talude e da segunda linha de muralha, na área fronteira aos bastiões 9-10.

Para as áreas da segunda linha de muralha e talude, as datações obtidas (Tabela 1), pelo projecto VN3000, permitem datar a construção do talude — UE 319 — do intervalo 2500-2300 a. C., e o solo de ocupação depositado sob o lapiás da plataforma inferior, de onde arranca esta estrutura, em torno de 2500-2200 a. C. — UE 305. Neste solo, foram recuperados os elementos próprios do Calcolítico pleno, como queijeiras, pesos de tear, fragmentos de campaniforme internacional de bandas alternantes, mas também mais raros fragmentos com decoração crucífera e um único bordo denteado. Os vestígios da prática metalúrgica também foram aqui identificados sob a forma de cadinho e pingos de fundição.

**Tabela 1.** Datações absolutas para o Calcolítico de Vila Nova de São Pedro (VN3000)

| Sítio                  | Sítio          | UE    | Ref. Lab.     | Amostra            | Ata BP  | δ13C (‰) | δ15N (‰) | 2 σ cal BC   | Bibliografia                   |
|------------------------|----------------|-------|---------------|--------------------|---------|----------|----------|--|--------------------------------|
| Vila Nova de São Pedro | Sobre o lapiás | [305] | Beta - 512588 | <i>Bos sp.</i>     | 4000±30 | -21,30   | 5,3      | <b>2578-2464</b><br>(95,4%)                                | (MARTINS <i>et al.</i> , 2019) |
| Vila Nova de São Pedro | Sobre o lapiás | [305] | Beta - 512586 | <i>Cervus ela.</i> | 3900±30 | -20,00   | 3,7      | <b>2467-2293</b><br>(95,4%)                                | (MARTINS <i>et al.</i> , 2019) |
| Vila Nova de São Pedro | Sobre o lapiás | [305] | Beta - 512587 | <i>Sus sp.</i>     | 3390±30 | -22,20   | 5,3      | <b>1752-1611</b><br>(95,4%)                                | (MARTINS <i>et al.</i> , 2019) |
| Vila Nova de São Pedro | Talude         | [319] | Beta - 569110 | <i>Bos taurus</i>  | 3950±30 | 21,00    | 5,9      | <b>2569-2520</b><br>(21,7%)<br><b>2499-2342</b><br>(78,2%) | Inédita (este trabalho)        |

<sup>41</sup> Comunicação apresentada por Gonçalves, Sousa, Boaventura, em 4 de setembro de 2014, no XVII World UISPP Congress, Burgos (Espanha).

<sup>42</sup> GONÇALVES, 1993.

<sup>43</sup> CARDOSO, 2019: 119.

| Sítio                  | Sítio                            | UE    | Ref. Lab.     | Amostra                 | Ata BP  | δ13C (‰) | δ15N (‰) | 2 σ cal BC   | Bibliografia            |
|------------------------|----------------------------------|-------|---------------|-------------------------|---------|----------|----------|--|-------------------------|
| Vila Nova de São Pedro | Talude                           | [319] | Beta - 569111 | <i>Ovis aries/capra</i> | 3940±30 | 20,30    | 5,2      | <b>2566-2531</b><br>(10,6%)<br><b>2495-2340</b><br>(86,7%)<br><b>2321- 2304</b><br>(2,6%)    | Inédita (este trabalho) |
| Vila Nova de São Pedro | Solo de ocupação (segunda linha) | [117] | Beta - 549652 | <i>Cervus elaphus</i>   | 3960±30 | 20,30    | 4,0      | <b>2571-2515</b><br>(34,2%)<br><b>2502-2399</b><br>(54,9%)<br><b>2384- 2346</b><br>(10,7%)   | Inédita (este trabalho) |
| Vila Nova de São Pedro | Solo de ocupação (segunda linha) | [117] | Beta - 569112 | <i>Bos p.</i>           | 3960±30 | 21,30    | 6,0      | <b>2571- 2515</b><br>(34,2%)<br><b>2502- 2399</b><br>(54,9%)<br><b>2384- 2346</b><br>(10,7%) | Inédita (este trabalho) |
| Vila Nova de São Pedro | Solo de ocupação (segunda linha) | [116] | Beta - 549653 | <i>Sus sp.</i>          | 3760±30 | 19,80    | 5,8      | <b>2287-2245</b><br>(16,1%)<br><b>2238-2126</b><br>(67,9%)<br><b>2092-2040</b><br>(15,9%)    | Inédita (este trabalho) |

A Oeste, no sector da segunda linha de muralha, escavado no âmbito deste projecto, os intervalos de tempo obtidos para o solo de ocupação associado à segunda linha apontam para um período de construção desta estrutura entre 2500-2400 a. C. — UE 117. Desta UE, provém abundante fauna, instrumentos de pedra polida e cerâmicas lisas — um conjunto que A. Paço classificava, no sítio, como *primitivo*, mas que é, à escala do carbono 14, contemporâneo do pacote *evoluído* da UE 305. Neste sector, a segunda linha de muralha pode estar já desmantelada por volta de 2200-2100 a. C., coberta pelo sedimento muito fino e negro da UE 116, de onde provém a amostra datada.

Este quadro cronológico, ainda muito incipiente, aproxima VNSP do ritmo construtivo de outros sítios da Estremadura. Como sucede no Zambujal, fases 1-4<sup>44</sup>, e em Leceia, fases 2-4<sup>45</sup>, as construções sucedem-se a um ritmo rápido na primeira metade

<sup>44</sup> KUNST, 2017.

<sup>45</sup> CARDOSO, 2010.

do III milénio, quando, entre 2800 e 2500 a. C., o essencial do dispositivo pétreo é construído. Em VNSP, os meados do milénio parecem mesmo um momento de intensa actividade a avaliar pela cronologia do talude e da complexa segunda linha.

Se a ocupação do sítio remonta, se não a um momento anterior, ao intervalo 2800-2600 a. C., datar e definir as modalidades do seu abandono parece um processo mais complexo. Aos materiais, escassos, da Idade do Bronze associa-se agora uma datação sobre fauna demonstrando que em diferentes momentos do II milénio, o sítio é não só palco da deposição simbólica de materiais — a avaliar pela descrição de Paço sobre o lugar de recolha do machado de bronze, no topo da muralha, mas também do sacrifício de animais e consumo de alimentos, cujos restos se vão introduzir em unidades preexistentes, no complexo processo de formação das unidades estratigráficas de sítios com vidas muitas longas<sup>46</sup>.

## 6. E ALÉM DAS MURALHAS... AS OUTRAS MATERIALIDADES

Em VNSP, além do complexo sistema defensivo activo, como são as muralhas, há a destacar outros dispositivos de apoio ao espaço habitado, não documentados em outros contextos contemporâneos, que justificam, nesta leitura sobre os testemunhos arqueográficos de Medo e de Poder, uma referência particular.

Do trio de estruturas identificadas por Paço<sup>47</sup>, no reduto central de VNSP — a cisterna, o barreiro, e o forno<sup>48</sup> —, esta, o único elemento que sobrevive a uma análise crítica, é hoje percebida como parte de um sistema cársico sobre o qual o povoado se implanta e que apresenta, à superfície, entradas para algares como o identificado na campanha de 2017<sup>49</sup>.

As exsurgências ainda hoje detectadas em diferentes pontos da plataforma ocupada, mas já para lá do perímetro da área muralhada — em particular, no caso da nascente existente na vertente Este, que mesmo depois de vários anos de seca ainda apresentava água —, são uma inequívoca demonstração da existência de um lençol freático sob o povoado. A cisterna identificada na área central pode ser o resultado da abertura artificial de uma entrada de algar que permitiu o acesso à água subterrânea e o abobadado das paredes da cisterna pode corresponder a uma forma natural, o que se quer confirmar num futuro breve.

---

<sup>46</sup> TSIRTSONI, 2016.

<sup>47</sup> PAÇO, 1957.

<sup>48</sup> A classificação destes elementos em VNSP constitui um extraordinário caso de Arqueologia Pública *avant la lettre*. À semelhança do que virá a acontecer mais de meio século depois em alguns trabalhos arqueológicos disruptivos porque introduziam a «voz» dos visitantes como referente interpretativo, Afonso do Paço, ouvindo a explicação de um oleiro local sobre o significado dos elementos identificados no interior do reduto central, não hesitou em classificá-los de acordo com a leitura apresentada (Paço, 1957). Se a cisterna parece indiscutível, o barreiro e o forno não sobrevivem, como classificações, a uma análise crítica do registo arqueológico.

<sup>49</sup> MARTINS *et al.*, 2019.

E neste lugar onde a água abunda como recurso disponível em vários pontos do esporão entre a Ribeira de Almofter e a pequena linha de água de Torre Penalva é, por isso, de destacar a presença de uma cisterna — ainda que esta seja parcialmente natural — no interior do reduto central, portanto, no mais protegido de todos os espaços do povoado, reflectindo essa preocupação fundamental, numa área que se defende, em garantir o acesso à água, preocupação que justifica, inclusive em contextos mais tardios, o lugar de implantação das fortificações históricas<sup>50</sup>.

Em VNSP, e num momento em que as sociedades se encontram em processo acelerado de complexificação, o controlo e a gestão da água não assumem aqui, como noutros lugares onde esta escasseia, um peso decisivo na formação dos sistemas sociais arcaicos — como o despotismo hidráulico do mundo oriental —, mas a cisterna, na *acrópolis*, garante a sua disponibilidade neste lugar eminentemente protegido, ao contrário de todas as outras nascentes nesta plataforma que estão, pela sua localização para além das muralhas, expostas.

As cisternas não parecem, no entanto, fazer parte dos equipamentos disponíveis nos sítios muralhados. Outras estruturas ligadas ao armazenamento e à distribuição de água, como fossos concêntricos em Marroquies Bajos<sup>51</sup>, fossos paralelos no Porto Torrão<sup>52</sup> ou poços em diferentes sectores de Valencina de la Concepción<sup>53</sup> têm sido registados, mas estruturas próprias de aprovisionamento de água, em áreas defendidas, parece traço único dos povoados de Los Millares — onde existe também uma cisterna na cidadela — e de VNSP.

A existirem cercos — ainda que pareçam pouco prováveis —, a funcionar o reduto central como lugar de refúgio, está aqui assegurado o acesso à água, pelo esforço, justificado pelo Medo, de construção de uma cisterna num lugar onde a água exsurge a poucos metros numa cota mais baixa da vertente.

Além destes elementos estruturais, outros elementos da cultura material parecem decisivos nesta leitura, como são as *armas* de guerra ou de caça, na ambivalência destes materiais em acções equivalentes, porque geram a morte, mas não paritárias nas leituras feitas do registo arqueológico.

Aos sempre citados arsenais de VNSP, materializados na acumulação de centenas de pontas de seta em alguns lugares no reduto central, à (discutida) eficácia dos bastiões desta muralha, em alguns casos excessivamente próximos — como no caso dos bastiões 1, 2, 3 — ou, inicialmente, ausentes de posições estratégicas, como no caso do sector onde se virá, num segundo momento, a construir o bastião 8a, opõe-se, no registo,

---

<sup>50</sup> FONSECA, 2020.

<sup>51</sup> SÁNCHEZ VIZCAÍNO, BELLÓN RUIZ, RUEDA GALLAN, 2005.

<sup>52</sup> RODRIGUES, 2017.

<sup>53</sup> VARGAS JÍMENEZ, 2003.



um cenário de confrontos insuficientemente documentado nos abundantes restos humanos, de cronologia calcolítica.

Ao mesmo tempo, a abundância de projecteis parece contrariada pelo Índice de Penetração (Ipn) dos mesmos, tópico analisado para a Estremadura por P. Jordão<sup>54</sup>, seguindo a proposta de Senna-Martinez<sup>55</sup>, que revela, no conjunto estudado, a escassa presença de pontas de seta destinadas à caça grossa, categoria que inclui os humanos.

Todavia, e como refere a autora, a análise realizada apenas sobre exemplares intactos pode desvirtuar o cenário original, uma vez que as armaduras efectivamente usadas surgem, em escavação, fragmentadas e, por isso, não foram objecto desta análise.

No entanto, se parecem pouco numerosos os projecteis com efectiva *eficácia letal*, dado corroborado nos restos humanos, a questão da *eficácia mental* destes objectos, permanece em aberto. O poder intimidatório de uma «chuva de setas», como a que foi recriada no Museu de Torres Vedras, a propósito da exposição do Zambujal, existe para aqueles que a observam, independentemente do Ipn de cada projectil que não é discernível em cenário de confronto. Em simultâneo, a eficácia letal, em cenários de caça ou de guerra, pode existir inclusivamente em projecteis de menor dimensão como tão eficazmente documentou Lewis Binford entre os Nunamiut do Alasca<sup>56</sup>, desde que estes possuam capacidade de penetração na camada cutânea, provocam, mesmo não atingindo o osso, danos internos que se agravam com o movimento do alvejado, podendo não só tolher a marcha, mas, por posterior infecção, provocar a morte. E esta capacidade está amplamente documentada no registo faunístico dos povoados do III milénio, em que a presença significativa de auroques e veados demonstra a clara capacidade do instrumental lítico calcolítico, perante alvos de grande porte.

Ainda no campo da cultura material, os machados de pedra polida que em Vila Nova de São Pedro superam os quinhentos exemplares apesar de menos discutidos como peças associadas a um cenário de conflito, depois de terem perdido o seu estatuto de machados de guerra e tornados bucólicas alfaias agrícolas, são também instrumentos de óbvio potencial bélico. No entanto, e como acontece com as pontas de seta, nos restos humanos, as marcas de traumatismos contundentes são raras<sup>57</sup>.

Outros materiais, nomeadamente os metálicos, também presentes em VNSP, não têm, por escassez numérica e/ou inoperância como instrumentos de agressão, aparente relevância neste debate. Os trabalhos de arqueologia experimental que revelaram a ductibilidade do cobre tornaram as pontas e os machados de cobre um não-artefacto letal. As propriedades físicas destes objectos remetem-nos para outros, e também decisivos, planos de confronto intra e extragrupo, exibindo o Poder e o não-Medo dos seus detentores.

---

<sup>54</sup> JORDÃO, 2017.

<sup>55</sup> SENNA-MARTINEZ, 1989.

<sup>56</sup> BINFORD, 1978.

<sup>57</sup> SILVA *et al.*, 2012.

## 7. SOBRE AS VELHAS PAISAGENS, AS NOVAS ARQUITECTURAS

A construção de muralhas de pedra, como fenómeno original de primeira geração, atestado no Calcolítico do espaço peninsular, pode ser pensada como deriva, ou cópia regional, mimetizando arquitecturas que se disseminam, como acontece com o Megalitismo, por geografias muito alargadas. Hoje, porque conhecemos de forma mais ampla as paisagens neolíticas, acentua-se o carácter intrusivo das muralhas, modelos exógenos, sem antecedentes nos espaços, onde se implantam, sem raízes nas tradicionais arquitecturas europeias, materializadas na escavação de fossos que delimitam áreas.

A transferência de modelos defensivos acabados, no que diz respeito à selecção das áreas de implantação, à multiplicidade de linhas e de bastiões, mesmo que sujeitos a revisões e correções em *fase de obra*, demonstra a vivacidade das redes de circulação, de curta, média, longa e muito longa distância, que trazem às velhas paisagens do Neolítico ibérico as novas arquitecturas calcolíticas, cuja interpretação exige uma leitura supra-regional.

Como fenómeno novo, materializando um arquétipo de rápida dispersão no Ocidente peninsular através dos circuitos de troca que, fazendo chegar à Estremadura as rochas duras e levando para o interior o sílex, podem remontar ao Neolítico antigo, os sítios com muralhas de pedra vão, ao introduzir-se na paisagem, gerar teias de relações entre si e com os sítios preexistentes, ainda mal percebidas.

Recintos de fossos e sítios fortificados, como pode verificar-se na Tabela 2, apresentam-se em inúmeros planos como entidades antagónicas. A cronologia, as topografias de implantação e as áreas ocupadas, os programas arquitectónicos e a relação com a Morte são alguns dos elementos de diferença evidentes no registo arqueológico.

**Tabela 2.** Recintos de fossos e sítios muralhados — atributos de diferença

|                           | <b>Cronologia<br/>(fase de arranque)</b> | <b>Matriz cultural</b> | <b>Topografia/<br/>Visibilidade</b> | <b>Área</b>  | <b>Programa construtivo</b>                  | <b>Práticas funerárias</b>  |
|---------------------------|--|------------------------|-------------------------------------|--------------|--|---|
| <b>Recintos de fossos</b> | IV milénio (último quartel)              | Neolítica              | Meia encosta<br><br>Áreas aplanadas | Até + 100 ha | Em negativo<br><br>Terra/argilas/madeira     | Arquitecturas funerárias formalizadas (interior/ área envolvente) |
| <b>Sítios muralhados</b>  | III milénio (1.º quartel)                | Calcolítica            | Cumeada<br>Controlo do território   | Até 5/7 ha   | Em positivo<br><br>Pedra/argilas/ argamassas | Escassos restos humanos, descontextualizados                      |

No entanto, este quadro de diferenças dilui-se quando são analisados outros parâmetros que invocam a integração destes sítios num universo comum, assente numa economia neolítica de segunda geração, com componentes da cultura material,

em particular no campo dos materiais cerâmicos, onde os regionalismos, nítidos, aproximam sítios de diferentes tipologias arquitectónicas.

As paisagens do III milénio a. C., mais do que ocupadas por horizontes culturais homogéneos e discretos, apresentam-se, assim, como uma complexa combinatória de presenças e ausências. O registo arqueológico de um sítio possui, em simultâneo, atributos próprios da tipologia da ocupação, do espaço regional, da etapa cronológica e atributos partilhados com outras geografias e com outras tipologias de ocupação numa aplicação, hoje, difícil de reconstruir, da teoria dos conjuntos.

O lugar de VNSP nestes conjuntos que se abrem e se fecham, o papel das muralhas — parte duradoura de um discurso socialmente ambíguo, de Medo e de Poder. As muralhas que não são dispositivos de ataque, mas de defesa, possuem a quase alquímica capacidade de transformar o Medo em Poder.

Em VNSP, qualquer que tenha sido a solução encontrada, o talude — e as muralhas pétreas já identificadas, as bancadas de calcário e os declives desta plataforma fecham o recinto — protege, em momentos sucessivos, um espaço em que se pressente quase um excesso de construções pétreas, numa área restrita, num cenário que é também fruto de um overacting quase omnipresente nos ambientes quotidianos e funerários do Calcolítico.

Em suma...

Abre-se um novo acto neste drama, porque novas e velhas personagens e novos lugares de acção vão marcar o III milénio a. C. A longevidade de uso, o investimento recorrente e a complexidade estrutural fazem destes sítios extraordinários artefactos onde às mal conhecidas construções ou habitações familiares se opõem, no registo arqueológico, as grandes obras públicas — em negativo ou positivo — que, como todas as construções, exigem objectivos, planeamento e coordenação, e porque colectivas, exigem também lideranças.

Parte substantiva dessas grandes obras reflecte Medo e Poder. As causas do Medo podem ser múltiplas, a presença de grupos exógenos, a competição por recursos, as assimetrias económicas, os diferentes potenciais demográficos, entre outras difíceis de identificar, dando origem a uma paisagem sem precedentes.

Seguindo os passos da fábula, nos primeiros séculos do III milénio a. C., a alguns só a solidez da pedra pareceu suficiente para proteger, para domesticar o Medo que ganha outra dimensão. Quase um milénio depois, o sistema está já colapsado. As fórmulas encontradas para expressar Poder perdem-se, porque o Medo, esse grande motor da História, por causas e mecanismos mal percebidos, dilui-se também.

## AGRADECIMENTOS

Às organizadoras deste Encontro, pela perseverança demonstrada nestes tempos difíceis. Aos revisores por todos os comentários que enriqueceram este texto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNAUD, José et al. (2017). *Vila Nova de São Pedro — de novo, no 3.º milénio. Um projecto para o futuro*. «Arqueologia & História». 66-67, 7-17.
- BERNABÉU AUBÁN, Juan; OROZCO KÖHLER, Teresa; DIEZ CASTILLO, Agustín (2012). *Mas d'Is y las construcciones con fosos del VI al III milenio cal a.C.* «MARQ. Arqueologia y MUSEOS». 5, 53-72.
- BINFORD, Lewis (1978). *Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York: Academic Press.
- BLANCO-GONZÁLEZ, António et al. (2018). *Cultural, Demographic and Environmental Dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300-1500 BC): Towards an Interregional Multiproxy Comparison at the Time of the 4.2 ky BP Event*. «Journal of World Prehistory». 31:1, 1-79.
- CALADO, Manuel; ROCHA, Artur (2004). *Relatório da escavação do povoado pré-histórico das Águas Frias — Rosário, Campanha 1*, Lisboa: Fundação da Universidade de Lisboa/Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- CARDOSO, João Luís (2010). *Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas*. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, eds. *Colóquio Internacional, Cascais, 2005 — «Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.: actas»*. Cascais: Câmara Municipal, vol. 2, pp. 43-63.
- CARDOSO, João Luís (2019). *Los vasos campaniformes marítimos y su difusión desde el estuario del Tajo (Portugal)*. In DELIBES DE CASTRO, Germán, ed. *Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a.C.)*. Madrid: Ed. Museo Arqueológico Regional, pp. 109-134.
- CLASTRES, Pierre (1974). *La société contre l'Etat: recherches d'anthropologie politique*. Paris: Éditions de Minuit.
- DINIZ, Mariana (1999). *Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 1:2, 95-126.
- DINIZ, Mariana (2007). *O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 48).
- DINIZ, Mariana (2013). *Fossas, fornos, silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico antigo em Portugal*. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, coords. *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 319-328.
- DINIZ, Mariana et al. (2018). *Papéis, funções e disfunções do património arqueológico: o caso do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja/Portugal)*. «Arqueologia & História». 68, 169-180.
- DINIZ, Mariana; NEVES, César (2018). *O princípio do Neolítico no Sudoeste Peninsular (Portugal): uma leitura (breve) dos últimos 20 anos*. In MELRO, Samuel; CORREIA, Susana, coord. *Actas do VIII Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular. Serpa e Aroche (Portugal e Espanha)*: Câmara Municipal de Serpa, pp. 315-351.
- FONSECA, Mafalda (2020). *O provimento de água nas fortificações medievais representadas no livro das fortalezas*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de mestrado.
- GONÇALVES, Victor (1993). *O castelo de Vila Nova de S. Pedro*. In GONÇALVES, Victor, ed. *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1, pp. 230-232.
- GONÇALVES, Victor; SOUSA, Ana; BOAVENTURA, Rui (2014). *Fortified settlements in Portuguese Estremadura during the third millennium bce. Radiocarbon chronology for Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)*.
- GONÇALVES, Victor; SOUSA, Ana; COSTEIRA, Catarina (2013). *Walls, gates and towers. Fortified settlements in the South and Centre of Portugal: some notes about violence and walls in the 3<sup>rd</sup> Millennium BCE*. «Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada». 23, 35-97.

- GUILAINE, Jean (1991). *Vers une Préhistoire agraire*. In GUILAINE, Jean, ed. *Pour une archéologie agraire*. Paris: Armand Collin, pp. 31-80.
- HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro; SEGURA MARTÍ, Josep Maria, coords. (2002). *La Sarga. Arte rupestre y territorio*. Alcoy: Ediciones del Museu de Alcoy, Caja de Ahorros del Mediterráneo.
- HINZ, Martin et al. (2019). *The Chalcolithic–Bronze Age transition in southern Iberia under the influence of the 4.2 ka BP event? A correlation of climatological and demographic proxies*. «Journal of Neolithic Archaeology». 21, 1-26.
- HODDER, Ian (1990). *The Domestication of Europe*. Oxford: Blackwell.
- JORDÃO, Patrícia (2017). *Weapons of War or Hunting? Functionality and Provenance of the Zambujal's Arrowheads (Torres Vedras, Portugal)*. «Journal of Lithic Studies». 4:3, 103-125.
- JORGE, Susana Oliveira, ed. (2003). *Recintos Murados da Pré-História Recente. Técnicas Construtivas e Organização do Espaço. Conservação, Restauro e Valorização Patrimonial de Arquiteturas Pré-Históricas*. Porto/Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.
- JORGE, Vítor Oliveira et al. (2006). *Copper Age «monumentalized hills» of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretive ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of a research experience in the NE of Portugal*. In JORGE, Vítor Oliveira, ed. *Approaching «Prehistoric and Protohistoric Architectures» of Europe from a «Dwelling Perspective»*. «Journal of Iberian Archaeology». 8, 203-264.
- KUNST, Michael (2017). *O campaniforme em Zambujal (Torres Vedras)*. In GONÇALVES, Victor S., ed. *Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 194-213.
- MARTINS, Andrea et al. (2019). *O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre as campanhas de escavação de 2017 e 2018*. «Arqueologia e História». 69, 133-167.
- MAUSS, Marcel (2008). *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- NEVES, César (2018). *O Neolítico médio no Ocidente Peninsular: o sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5.º e 4.º milénio AC*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.
- OLIVEIRA, Humberto; FERREIRA, Octávio da Veiga (1990). *Algumas obras de restauro e consolidação do castro de Vila Nova de S. Pedro*. «Revista de Arqueologia». 1, 49-58.
- ORWELL, George (1949). *Nineteen Eighty-Four*. New York: Millstone Editions.
- PAÇO, Afonso (1942). *Uma vasilha de barro de grandes dimensões do «castro» de Vila Nova de S. Pedro. Congresso do Mundo Português: Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso)*. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários. 1, pp. 132-143.
- PAÇO, Afonso (1957). *Castro de Vila Nova de S. Pedro IX — Forno de Cozer Cerâmica*. «Revista de Guimarães». 67, 3-16.
- PAÇO, Afonso (1958). *Castro de Vila de S. Pedro: X — Campanhas arqueológicas de 1956 (Aditamento: campanhas de 1952, 1953 e 1954 — 16.ª, 17.ª e 18.ª)*. «Anais». Série II. 8, 43-91.
- PAÇO, Afonso (1964). *O povoado Pré-Histórico da Parede (Cascais), VI Centenário da Vila de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- PAÇO, Afonso; ARTHUR, Maria Lurdes Costa (1952). *Castro de Vila Nova de São Pedro. I — 15.ª campanha de escavações (1951)*. «Brotéria». 54:3, 6-25.
- PAÇO, Afonso; JALHAY, Eugène (1942). *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas — 1939, 1940 e 1941*. «Brotéria». 34:6, 2-31.

- PAÇO, Afonso; SANGMEISTER, Edward (1956). *Castro de Vila Nova de S. Pedro: VIII — Campanha de escavações 1955 (19.ª)*. «Arqueologia e História». Série VIII. 7, 95-114.
- RIBEIRO, Carlos (1878). *Notícia da Estação Humana de Leceia*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.
- RIBEIRO, Maria (2013). *O povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): historiografia das escavações realizadas: contributo para a sua salvaguarda*. Lisboa: Universidade Aberta. Dissertação de mestrado.
- RODRIGUES, Filipa (2006). *Casa Branca 7: um povoado na transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e. na margem esquerda do Guadiana (Serpa)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- RODRIGUES, Filipa (2017). *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fosso no SW peninsular nos finais do 4.º milénio a.n.e.* Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2 vols. Tese de doutoramento.
- SANCHES, Maria Jesus; VALE, Ana Margarida (2020). *Connecting Stories in the Neolithic of North-eastern Portugal: walled enclosures and their relationships with the genealogy of the landscape*. In GEBAUER, Anne et al., coords. *Monumentalising Life in the Neolithic. Narratives of Change and Continuity*. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books, pp. 251-262.
- SÁNCHEZ VIZCAÍNO, Alberto; BELLÓN RUIZ, Juan Pedro; RUEDA GALAN, Carmen (2005). *Nuevos datos sobre la zona arqueológica de marroquies bajos: el quinto foso new data about the archaeological area of Marroquies Bos: the fifth ditch*. «Trabajos de Prehistoria». 62:2, 151-164.
- SAVORY, H. N. (1970). *A section through the innermost rampart of the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarem (1959)*. Actas das I Jornadas Arqueológicas. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 133-162.
- SAVORY, H. N. (1974). *Espanha e Portugal*. Lisboa: Verbo. (Coleção História Mundi; 14).
- SENNA-MARTINEZ, João Carlos (1989). *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.
- SILVA, Ana et al. (2012). *Skeletal evidence of interpersonal violence from Portuguese Late Neolithic collective burials: an overview*. In SCHULTING, Rick; FIBIGER, Linda, eds. *Sticks, Stones, and Broken Bones: Neolithic Violence in a European Perspective*. Oxford: Oxford University Press, pp. 317-340.
- SOARES, António Monge (1994). *Descoberta de um povoado do Neolítico junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa) — Resultados preliminares*. «Vipasca». 3, 41-49.
- SOUSA, Ana Catarina (2016-2017). *Os tempos do Neolítico na região de Lisboa: o povoamento*. In CARDOSO, João Luís; MATALOTO, Rui, eds. *A Rui Boaventura. Homenagem à sua Memória*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, pp. 459-518. (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 23).
- STEFFEN, Will et al. (2015). *The trajectory of the Anthropocene: The Great Acceleration*. «The Anthropocene Review». 2:1, 81-98.
- TRINGHAM, Ruth (2005). *Weaving house life and death into places: a blueprint for a hypermedia narrative*. In BAILEY, Douglass W.; WHITTLE, Alasdair W. R.; CUMMINGS, Vicki, eds. *(Un)settling the Neolithic*. Oxford: Oxbow, pp. 98-111.
- TSIRTSONI, Zoi (2016). *The chronological framework in Greece and Bulgaria between the late 6<sup>th</sup> and the early 3<sup>rd</sup> millennium BC, and the «Balkans 4000» project*. In TSIRTSONI, Zoi, ed. *The Human Face of Radiocarbon: Reassessing Chronology in prehistoric Greece and Bulgaria, 5000-3000 cal BC*. Lyon: MOM Editions.
- VALENTE, Alexandra (2006). *Cerâmicas com bordos denteados no povoado de Vale de Lobos (Sintra)*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.

- VALERA, António (2000). *Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar*. «Era Arqueologia». 1, 24-37.
- VALERA, António (2013). *Cronologia dos Recintos de Fossos da Pré-História recente em território português*. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, coords. *Arqueologia em Portugal — 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 345-350.
- VALERA, António, ed. (2018). *Os Perdígões neolíticos. Génese e desenvolvimento (de meados do 4.º aos inícios do 3.º milénio a. C.)*. Lisboa: Era Arqueologia.
- VALERA, António; SILVA, Ana Maria; MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2014): *The temporality of Perdígões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices*. «SPAL-Revista de Prehistoria y Arqueología». 12, 11-26.
- VARGAS JÍMENEZ, Juan (2003). *Elementos para la definición territorial del yacimiento prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla)*. «SPAL – Revista de Prehistoria y Arqueología». 12, 125-144.



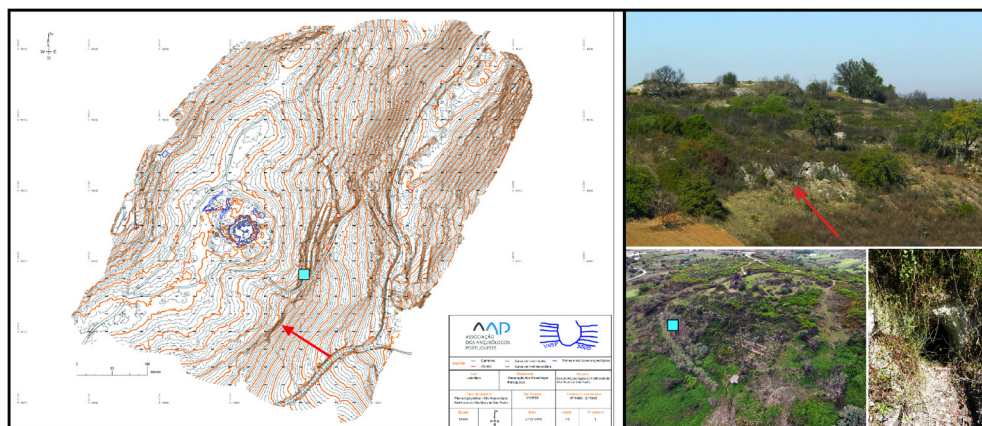


Fig. 1. Levantamento topográfico de água VNSP300 e vistas sobre a vertente Este com detalhe da bancada calcária assinalada (seta vermelha) e nascente (vista geral e de detalhe)

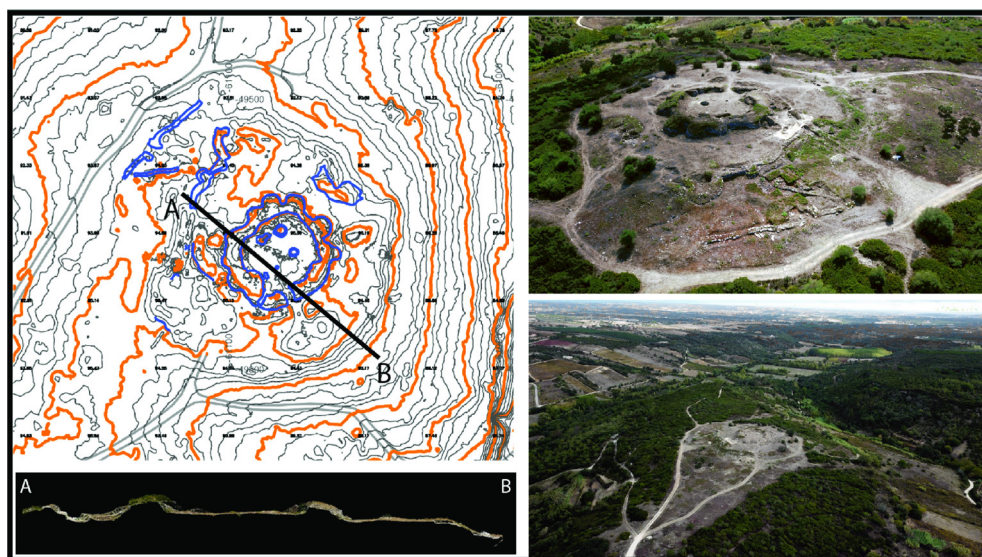


Fig. 2. Vistas gerais de Vila Nova de São Pedro (imagens VNSP3000) e corte A-B, no sentido O-E, sobre as duas linhas de muralha, reduto central e talude, feito no levantamento topográfico



Fig. 3. «Remendo» de Afonso do Paço, no reduto central — visto do exterior e localização da área escavada em 1956 (imagens VN3000)



Fig. 4. VN3000 — recinto central, com numeração dos bastiões seguindo a ordem estabelecida por Savory (SAVORY, 1970 e fotografia do Projecto VN3000)



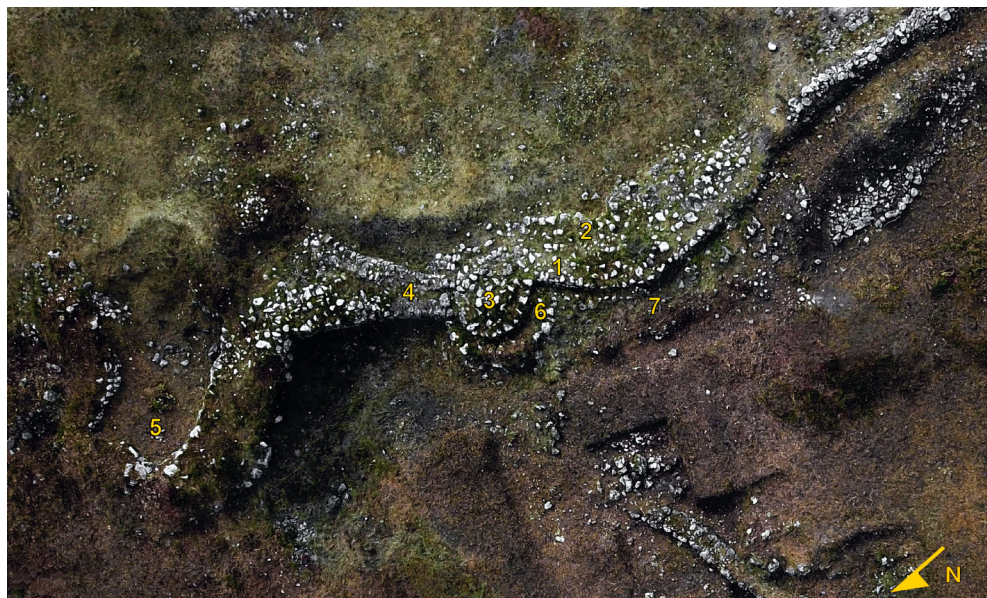


Fig. 5. Na segunda linha de muralha: 1 — muralha; 2 — reforçada internamente, à qual se adossa; 3 — um bastião que virá a ser maciço e do qual parte; 4 — um outro segmento de muralha, bifida, que desenha; 5 — parte do bastião oco; 6 — anel de pedra que envolve, a partir do exterior, todos estes elementos pétreos; 7 — reforço exterior da segunda linha (imagem Projecto VN3P3000)



Fig. 6. Troço de muralha a norte, de formato semicircular («rim») — fronteiro aos bastiões 3-4 (fotografia do Projecto VN3P3000)